

PROCESSO DE CRIAÇÃO-INTERVENÇÃO: O LAMBE “MEU ENDEREÇO É EM MIM” COMO FORMA DE (DES)ARQUITETAR

MARIANA DANUZA CORTEZE¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹PPGAV Universidade Federal de Pelotas – maricorteze@hotmail.com

²PPGAV Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este breve escrito apresenta reflexões sobre um processo de criação artística, que considera a gravura contemporânea como uma linguagem capaz de fundar lugares. Nesse sentido, suas impressões, reproduções e possíveis vestígios, são explorados aqui, por meio de lambes¹, no contexto de artista convidada do *III Encontro de Cidades e Universidades do Grupo de Montevidéu* (2016)². Logo, o que trago nas páginas que seguem, são atravessamentos que constituíram o processo criativo durante uma intervenção urbana realizada em Porto Alegre, cujas questões tangenciam a pesquisa desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Ao instalar-me no espaço da rua, proponho ocupar poeticamente a parede levantada entre a cidade de Porto Alegre e seu rio, utilizando o lambe como prática artística que opera e recebe potência no próprio apagamento de sua matéria. Assim, a intervenção do lambe *Meu endereço é em mim* (2016) trata de sobreposições de peles, camadas, feridas e de um corpo urbano que pulsa para dar a ver as frestas e desacelerações existentes nos seus altos muros.

2. METODOLOGIA

O projeto *Ocupa tapumes* foi promovido pelo *III Encontro de Cidades e Universidades do Grupo de Montevidéu*, que, nos dias 11 a 17 de abril de 2016, esteve sediado em Porto Alegre, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este projeto visava ativar ao longo de práticas artísticas, os 1,5 km de tapumes³ que separam a cidade de Porto Alegre do canteiro de obras de revitalização da orla do Guaíba.

Nesse sentido, adentro aqui, no processo criativo do lambe *Meu endereço é em mim* (2016), que foi desenvolvido para tal proposta e convite. No entanto, é difícil dizer como sucedeu. O que sei, é que a partir de inquietações ainda pulsantes do *Pequeno Experimento de Mundo #1: Compartimento de estar e partir*⁴ (2015), comecei a produzir formas de captar tais forças. Forças que me sacodem, que me estremecem. Forças que têm uma relação estreita com a sensação, afinal, é preciso que se exerça uma força sobre um corpo para que haja então, a sensação (DELEUZE, 2007). Riscar, traçar, desenhar, gravar, pressionar. Dilatar, criar caminhos, desvios. Contrair, achatar, estender, frotar e então brotar. Tudo é força. Tudo é potência.

¹ Lambes (ou lambe-lambe) são cartazes de rua colados artesanalmente sobre superfícies disponíveis da cidade (muros, fachadas, postes, arquiteturas de abandono, entre tantas outras).

² O *Encontro de Cidades e Universidades* se realiza a cada dois anos em localidades diferentes da América do Sul. Ele nasceu a partir da vontade de vincular, articular e dinamizar a rede de universidades públicas do Mercosul com as demandas e necessidades sociais, implementando atividades conjuntas com os governos locais. Estas ações associam aspectos cotidianos dos cidadãos com atividades culturais. Mais informações: <https://www.ufrgs.br/cidadesuniversidades/>

³ Tapumes são considerados aqui como espaço de livre expressão pública.

⁴ Se refere ao trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais (2015) na UFPEL.



Figura 1: Processo de criação: rabiscos, esboços, matriz e frotagem (2016) Mariana Corteze

Essa onda rítmica que percorre o corpo intenso da matriz em linóleo, faz emanar (VÁLERY, 2011) uma relação de coisas que propõe o espaço arquitetônico, - no qual aqui me aproprio da concha, a moradia ou refúgio -, como uma situação de constante mudança. Nesse aspecto, o espaço não é uma realidade rígida (FUÃO, 2004), mas assume o caráter plástico e imaterial como o próprio tempo. Com tal característica, mergulho em uma temporalidade outra no universo da gravura, uma dilatação que necessita um demorar. Uma lentidão vai na contramão do estado e condição veloz da contemporaneidade.



Figura 2: Tempo demorado no atelier de gravura: impressão (2016) Mariana Corteze

Dispor desse singular processo de emanção da concha, seria então, abandoná-la como arquitetura permanente, buscando evidenciar a importância do corpo vibrátil que nela habita. No momento em que esse corpo enfrenta as potências do invisível, acaba por dar visualidade a procedimentos que não passam pelo verbal e também não dependem deste. Atua e aciona sensações, reflexões, reverberações entre o corpo visível e suas tantas possibilidades de percurso. Portanto, reclamar sua natureza transitória é recusar estruturas inflexíveis, revelando a certeza do movimento, da criação de trajetos inesperados.

A renúncia por esse endereço fixo e rígido, abarca questões múltiplas sobre o espaço. Afinal de contas, quando os espaços deixam de ser usados, voltam a uma espécie de estado bruto, esvaziado em seus plurais significados e sentidos. Abandoná-los seria uma (des)arquitetura⁵? Uma resistência à cidade como símbolo do controle? Uma sobrevivência à codificação do planejamento urbano? Ou ainda, um escape poético, um desvio do poder da máquina abstrata?

Desta maneira, o processo criativo do lambe abarca a tensão da carne e do osso, pensando o corpo do caracol como um acrobata que se prolonga além da estrutura que o molda, a concha. Assim, a matéria escorregadia que o constitui, deixa rastros, marcas de trajetórias do abandono, desorientações que produzem trilhas, caminhos luminosos que vertem. E este, enquanto massa pictórica, é

⁵ No sentido de uma arquitetura que está se desmontando, se destruindo, abandonando.

realizado virtualmente, através da digitalização da primeira tiragem impressa no atelier. Para convertê-la em lambe, foi necessário ajustar sua pequena dimensão em maior resolução, pois o cartaz urbano avolumaria e estenderia a gravura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a proposta, os lambes foram colados sobre as placas de isolamento de dois metros de altura, que impedem os frequentadores da Usina do Gasômetro de observar o progresso da revitalização da orla.



Figura 3: Lambe *Meu endereço é em mim* (3 x 2,5m) na Orla do Guaíba, Porto Alegre/RS (2016) Mariana Corteze

Contudo, este bloqueio visual na orla do Guaíba, levanta indagações acerca de tal divisão: É possível criar práticas que penetrem essa fronteira? Como construir experiências sensíveis nessa barreira? De que maneira se pode produzir uma relação com os moradores da cidade, problematizando tal situação? Como provocar uma intervenção poética? De que forma pensar as frestas desses tapumes? Como ir além delas, extrapolando seu limite?



Figura 4: Tapume da Orla do Guaíba e suas frestas luminosas (2016) Mariana Corteze

É assim que entendo tanto a inserção do lambe, como as fissuras que o tapume possui, como lugares de vazão criativa, mas sobretudo, como lugares de escoamento de potência reativa aos temas e às urgências da vida pública e social. Ao seu modo, singelamente declara, a importância de criar práticas que transpassem e estremeçam o cotidiano. Aberturas de vida, de pensamento sobre os lugares que habitamos, que ocupamos, inventamos e, conseqüentemente gravamos, imprimimos presença.

É justamente por isso que a intervenção urbana do lambe *Meu endereço é em mim* (2016) obtém expressão nas relações que ampliam sua superfície de aderência, indo além do seu corpo, desdobrando e estendendo sensibilidades relacionais ao sujeito transeunte do local que ocupa. Convertendo, de repente, encontros passageiros em compromissos de longa duração.

4. CONCLUSÕES

Ao me debruçar sobre um conteúdo ancorado na vida, descubro no próprio processo a construção de uma poética marcada por concepções delicadas, porém incisivas. São questionamentos acerca da arte, da arquitetura, do sentimento de pertencimento ou não dos lugares, de narrativas de uma ocupação efêmera na cidade. Mas isso não é o fim. Talvez seja um começo de outras pulsões que lutem para construir cidades mais poeticamente vividas, ampliando o sentido da arte e do habitar. É preciso olhar ao redor. É necessário diluir fronteiras, atravessar a urbe, articulando seu espaço com estratégias de aproximação, sendo capazes de criar lugares, espaços de contato entre aqueles que nela estão.

Quando crio e situo o lambe em questão na orla do Guaíba de Porto Alegre, parto de uma vontade de impulsionar e intensificar experiências não somente sobre si, mas sobre o espaço que ocupa. Nesse sentido, ele é um corpo atento, pronto a provocar e ativar seu entorno, reinventando formas de olhar, habitar, cultivar, trocar e compartilhar. É uma proposta de ir devagar e divagar. Uma alternativa de sobrevivência, de resistência, tornando-se uma imagem-vaga-lume, tal como Didi-Huberman (2011, p. 177) declara: "Aquela imagem-vaga-lume cujo lampejo inesperado pode ser o primeiro 'operador político de protesto de crise, de crítica ou de emancipação' contra o horizonte da destruição da experiência".

Tal como um vaga-lume, o lambe também acende e apaga. A potência de sua linguagem está neste aparecer e desaparecer: em seu modo de ser efêmero; ou seja, o lambe é feito para desaparecer, para ser encoberto por outros cartazes, para ser descolado, rasgado, retirado da superfície em que foi colocado. Quem sabe por isso, sua superfície frágil valora seu percurso, seu rastro, sua fresta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOS SANTOS, M. **Jornal formas de pensar a escultura: perdidos no espaço público**. Porto Alegre, nº 4, abril 2016.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon: lógica das sensações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FUÃO, F. O sentido do espaço. **Revista Vitruvius**. São Paulo, ano 4, maio 2004.
- VÁLERY, P. **Variedades: a concha e o homem**. São Paulo: Iluminuras, 2011.